

Chamei-vos amigos (4): O melhor seguro de vida

A amizade entre pessoas chamadas para a mesma missão permite que este seja sempre um caminho cheio de felicidade.

15/07/2020

*Descarregar o livro completo
«**Chamei-vos amigos**»*

Fim dos anos quarenta. Em Zurbarán, uma das primeiras residências universitárias femininas de Madrid, costumam passar uma noite por mês a adorar Jesus na Eucaristia. Levantar-se de manhã cedo, por turnos, para não deixar o Senhor só, sempre tem a sua emoção no espírito de uma universitária. A beata Guadalupe, que é a diretora, lidera esta tarefa noturna; fica acordada a escrever cartas no seu gabinete, muito perto do oratório, caso alguma das estudantes queira continuar esse momento de oração com uma boa conversa. Então, no meio do silêncio da noite, compartilham-se sonhos, propósitos, preocupações... Guadalupe não dorme para oferecer a sua amizade a todas. Não é estranho que aqueles que a conheceram se lembrem de que «ela tinha uma facilidade extraordinária para fazer amigos. É

óbvio que tinha um dom especial para comunicar com as pessoas, uma simpatia muito atraente e muitos valores humanos; mas gostaria de realçar o seu forte sentido de amizade»^[1].

Uma relação circular

A amizade é sempre caracterizada pela gratuidade; se se procurar por obrigação ou se deseja alcançar algo como um fim, simplesmente não surge de modo autêntico. Guadalupe, por exemplo, não acumulava esse cansaço físico de dormir um pouco menos porque o exigisse um contrato, nem as estudantes que se apressaram a sentar-se no seu gabinete, o faziam porque tinham que dar contas das suas vidas, muito menos àquelas horas da noite. Guadalupe e cada residente compartilhavam algo que as levava a abrir-se. Talvez alguma delas também estudasse Química, outra

tivesse o sonho de viajar pelo mundo, talvez uma terceira tivesse perdido recentemente o pai; Guadalupe provavelmente compartilharia com alguma esse desejo de uma vida interior mais profunda e com outra até a vocação para o Opus Dei. Pensando na variedade de gostos e aspirações que podemos ter em comum com os outros, S. João Crisóstomo ressalta que, quanto mais importante é o que nos une, maiores os laços que daí podem surgir: «Se o mero facto de sermos da mesma cidade basta para que muitos se tornem amigos, qual terá que ser o amor entre nós, que temos a mesma casa, a mesma mesa, o mesmo caminho, a mesma porta, idêntica vida, idêntica cabeça; o mesmo pastor e rei e mestre e juiz e Criador e Pai?»^[2].

O prelado do Opus Dei – a quem muitos chamam *Padre* precisamente por presidir a uma família – ressalta

que «existe uma relação íntima entre fraternidade e amizade. A fraternidade, de uma simples relação baseada na filiação comum, transforma-se em amizade pelo afeto entre irmãos»^[3]. E, ao mesmo tempo, Deus atua nas relações de amizade, muitas vezes até escolhendo dois ou mais amigos para a mesma missão, como aconteceu com muitos santos ao longo da História. Ou seja, entre fraternidade e amizade é gerada uma relação circular positiva: enquanto a primeira proporciona permanentemente às pessoas uma base comum sólida - baseada, por exemplo, em ter recebido um chamamento igual -, a segunda contribui para manter esses desejos no tempo ao longo de um caminho feliz. S. Josemaria, no ano de 1974, logo que chegou ao local onde se encontraria com os seus filhos supranumerários na Argentina, disse: «Peço-vos hoje, ao começar, que vivais de tal maneira a

fraternidade que, quando alguém tiver tristezas, não o deixeis, e quando tiver alegrias, também. Isto não é um seguro de vida, é mais: é um seguro de vida eterna»^[4].

Aqui está o dedo de Deus

Precisamente na Argentina, tinha nascido em 1902 Isidoro Zorzano, filho de pais espanhóis. Três anos depois, regressou à Europa, à cidade de Logronho, onde conheceu S. Josemaria quando ambos eram adolescentes. Rapidamente se tornaram amigos, embora, depois de terminar os estudos, um tenha optado pela engenharia e o outro pelo sacerdócio. Mas o contacto entre eles não terminou aí e a sua correspondência é testemunha dessa amizade. «Meu querido amigo: Como estou mais descansado, posso sair na tarde que preferires, pelo que basta envoares-me um cartão. Recebe um abraço do teu bom amigo, Isidoro»^[5],

escrevia um. Enquanto o outro, quando já morava na capital espanhola, numa carta, respondeu: «Querido Isidoro: Quando vieres a Madrid, não deixes de vir ver-me. Tenho coisas muito interessantes para te contar. Um abraço do teu bom amigo»^[6]. Passado pouco tempo, quando tinha 29 anos, chegaria aquele momento crucial na vida de Isidoro. Por um lado, sentia interiormente que Deus lhe pedia algo; por outro lado, o seu amigo Josemaria queria falar com ele sobre o Opus Dei, que estava a dar os primeiros passos. Foi necessário um único encontro, em que falaram sobre a santidade no meio do mundo, para Isidoro perceber que Deus tinha atuado nessa amizade, dando-lhe a vocação à Obra. Essa relação que os unia desde a adolescência, essa preocupação mútua, adquiria então um novo vigor e levou Isidoro a concluir: «O dedo de Deus está aqui»^[7].

É lógico que a descoberta da vocação por Isidoro não tenha deixado em segundo plano os laços afetivos daqueles anos de amizade. Deus criou-nos com corpo e alma, de modo que a união sobrenatural não anula os bens naturais que todos buscamos; vemos isso no exemplo de Jesus, que compartilhou a Sua vida com os amigos. Por essa razão, S. Josemaria ressalta que «Deus Nosso Senhor quer caridade cristã e convivência natural na Obra, que se torna fraternidade sobrenatural, e não o convencionalismo da forma»^[8]. O carinho não é algo *espiritualizado*, é concreto, encarnado, manifesta-se no tu a tu. Não é um formalismo que possa continuar a ser uma simples boa educação ou uma cortesia que acalma a consciência, mas procura amar todos como o faria a própria mãe.

Em 14 de julho de 1943, pouco mais de dez anos depois daquela reunião

crucial em Madrid, os dois amigos - agora pai e filho de uma família sobrenatural – têm a sua última conversa. Durante esses momentos, recordam talvez a sua adolescência, as suas cartas, os trabalhos lado a lado na Academia DYA, as diligências para abrir a primeira residência, os altos e baixos da guerra civil, o diagnóstico de cancro de Isidoro ... S. Josemaria despediu-se de Isidoro confessando um desejo: «Peço ao Senhor que me dê uma morte como a tua»^[9]. Jesus ensinou-nos que «ninguém tem maior amor do que o que dá a vida pelos amigos» (Jo 15, 13), e foi exatamente isso o que animava Isidoro nos seus últimos dias: poder continuar unido a todos na Obra do céu tal como tinha estado na terra.

O menos ciumento dos amores

Todos sabemos que, em muitos relacionamentos humanos

importantes, o vínculo objetivo que os une - como ser marido e mulher, ou irmão e irmã - não gera automaticamente uma relação de amizade. Inclusivamente, a existência, em algum momento, de uma verdadeira amizade não garante a imunidade desse relacionamento contra as consequências normais da passagem do tempo. Também Bento XVI - ainda cardeal - ao ponderar sobre a fraternidade sobrenatural entre os cristãos, - observou com realismo que «o facto de ser irmão não significa automaticamente que sejam um modelo de amor»^[10]. E recordou que, nas Sagradas Escrituras, abundam os exemplos, desde o livro do Génesis até às parábolas que Jesus conta.

Por essa razão, «a fraternidade baseada na vocação comum à Obra pede a sua expressão numa amizade»^[11] que, como nos outros

relacionamentos em que a liberdade humana intervém, não surge instantaneamente. Exige trabalho paciente para ir ao encontro do outro, abrir o nosso próprio mundo interior para enriquecê-lo com o que Deus deseja dar-nos através dos outros. As tertúlias ou reuniões familiares, por exemplo, nas quais cada um abre a sua personalidade, são momentos para criar laços de amizade autêntica. Não há temas na vida das outras pessoas - preocupações, alegrias, tristezas, interesses - que não nos toquem pessoalmente. Criar um lar com corredores luminosos e portas abertas para os outros também faz parte de um processo de amadurecimento pessoal, uma vez que «de natureza espiritual, a criatura humana realiza-se nas relações interpessoais: quanto mais as vive de forma autêntica, tanto mais amadurece a própria identidade pessoal. Não é isolando-se

que o homem se valoriza a si mesmo, mas relacionando-se com os outros e com Deus»^[12]. O homem explica-se satisfatoriamente a si mesmo apenas dentro do tecido social em que demonstra os seus afetos.

Isto acontece porque a amizade, quando procura ser autêntica, tenta não se misturar com um desejo de posse do outro. Pelo contrário, tendo experimentado esse grande bem, sabe o que tem a oferecer a outras pessoas: uma amizade autêntica é uma escola de mais amizades, ensina-nos a desfrutar da companhia das outras pessoas, embora, é claro, nem todos cheguem a ter a mesma proximidade. C.S. Lewis observou que «a verdadeira amizade é o menos ciumento dos amores. Dois amigos ficam felizes quando se juntam a um terceiro e três quando se juntam a um quarto, desde que o recém-chegado esteja qualificado para ser um amigo de verdade.

Podem dizer, como dizem as almas abençoadas de Dante: “aí vem alguém que aumentará o nosso amor”; porque neste amor “compartilhar não é tirar”»^[13]. Inclusivamente compara-o com a imagem que podemos fazer do céu, pois ali cada um dos bem-aventurados aumentará a alegria de todos, comunicando a sua visão única de Deus aos outros.

* * *

Santo Agostinho, nas suas *Confissões*, ao recordar com certa nostalgia um grupo de amigos, diz sem conter a emoção: «De muitos fazíamos um só»^[14]. Conta que o que os unia eram longas conversas acompanhadas de risos, servir-se mutuamente de boa vontade, ler coisas juntos e até as bruscas discordâncias que ajudaram a concentrar-se em tudo o que tinham em comum; recorda os sentimentos amargos com a ausência

de algum, que mais tarde eram compensados pela alegria da sua chegada. «A felicidade pessoal não depende dos sucessos que conseguimos, mas do amor que recebemos e do amor que damos»^[15]; depende de nos sentirmos amados e de ter um lar, onde a nossa presença é insubstituível, ao qual sempre voltamos, aconteça o que acontecer. É o que S. Josemaria queria que fossem as casas dos seus filhos e filhas. Precisamente nesses termos, se recorda o primeiro trabalho apostólico do Opus Dei em Madrid, em 1936: «Se se ia ao apartamento de Luchana por convite, certo era que se ficava por amizade»^[16]; Esse é o amável vínculo que, humanamente, é capaz de manter a unidade. «Se vos amais, cada uma das nossas casas será a casa que eu vi, o que eu quero que exista em cada um dos nossos recantos. E cada um dos vossos irmãos terá uma santa fome de voltar para casa depois do dia de

trabalho; e terá depois vontade de sair para a rua, para a guerra santa, para esta guerra de paz»^[17].

[1] Mercedes Montero, *En vanguardia*, Rialp, Madrid, 2019, p. 79

[2] S. João Crisóstomo, *em Mat. Hom.* 32, 7.

[3] Fernando Ocáriz, *Carta 1-IX-2019*, n. 14)

[4] S. Josemaria, notas retiradas de uma reunião, VI-24-1974

[5] José Miguel Pero-Sanz, *Isidoro Zorzano*, Ediciones Palabra, Madrid, 1996, p. 86

[6] *Ibid.*, P. 112-113.

[7] *Ibid.*, P. 118

[8] S. Josemaria, *Instrução sobre a obra de S. Miguel*, n. 101

[9] José Miguel Cejas, *Amigos do Fundador do Opus Dei*, Palabra, Madrid, 1992, p. 47

[10] Joseph Ratzinger, *O sal da terra*, Multinova, Lisboa, 1997

[11] Fernando Ocáriz, *Carta 1-IX-2019*, n. 14

[12] Bento XVI, Carta Encíclica
Caritas in veritate, n. 53

[13] C. S. Lewis, *Os quatro amores*,
Rialp, Madri, 2007, p. 73

[14] Santo Agostinho, *Confissões*, IV,
8.

[15] Fernando Ocáriz, *Carta 1-IX-2019*, n. 17

[16] José Luis González Gullón, DYA,
Rialp, Madrid, 2016, p. 196

[17] *Crónica* 1956, VII, p. 7

Andrés Cárdenas M.

Fotografia de Mimi Thian, em
Unsplash

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de <https://opusdei.org/pt-pt/article/chamei-vos-amigos-iv-o-melhor-seguro-de-vida/>
(21/01/2026)